

POR UM BRINCAR COMO PERGUNTA E NÃO COMO RESPOSTA

LUCAS VARGAS BOZZATO¹; EDUARTA VESFAL DUTRA²; ANDRIZE RAMIRES COSTA³

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – lucasbozzato2@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – eduarda9160@gmail.com

³Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – andrize.costa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O período das infâncias¹ é marcado pela intensidade de transformações em que as subjetividades infantis, presentes na condição de criança, como a imaginação, a fantasia, a curiosidade entre outros, transformam e modificam os sentidos e significados que as crianças têm do mundo (KUNZ; COSTA, 2017). KUHN (2016) explica, em forma de metáfora, a metamorfose da criança-borboleta, a *autopoiese*² da criança a partir de seu brincar e se-movimentar (KUNZ, 2017), necessitando do auxílio dos adultos para sua sobrevivência.

O brincar e se-movimentar, apresentado e desenvolvido por KUNZ (2017) e seus orientandos e orientandas, apontado como elemento fundante na metáfora de KUHN (2016), propõe uma perspectiva teórico-filosófica de movimento humano que retrata o brincar da criança como seu mundo de vida mais essencial em que, a criança se desenvolve, lê, interpreta e dialoga com o mundo, com os outros e com ela mesma (KUNZ; COSTA, 2017). Esta teoria é concebida sob um contexto em que a criança não é representada na literatura como um ser brincante, que brinca, pois, é inerente a sua condição de existência e, essencialmente, o modo como ela se desenvolve (COSTA; KUNZ, 2016).

A Educação Física (EF) enquanto componente curricular obrigatório da Educação Básica, passa a repercutir, por muitas vezes, um “brincar didático”³, o qual, além de não ter sentido para as crianças, enfatiza sobretudo aspectos biológicos com vista a resultados futuros, a aprimoração para um “adulto de sucesso” (HONORÉ, 2009), contribuindo a uma concepção de criança como ser frágil, desprovido de reflexão, que deve ser lapidado, resultando na invisibilização da infância enquanto grupo social com voz ativa (SOARES; SARMENTO; TOMÁS, 2005).

Portanto, o objetivo deste trabalho versa sobre refletir o brincar espontâneo, retratado pela teoria filosófica de movimento humano brincar e se-movimentar, enquanto possibilidade de orientação nas aulas de EF na EI.

¹ Utilizamos no plural por entender que há uma diversidade de infâncias e com elas suas próprias culturas infantis, as quais, de acordo com SARMENTO (2004), referem-se à capacidade da atuação das crianças como atores sociais críticos que desenvolvem modos de significação e ação próprios, que se distinguem dos modos de ação e significação dos adultos.

² termo criado na década de 1970 pelos biólogos e filósofos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana para designar a capacidade dos seres vivos de produzirem a si próprios.

³ Termo utilizado pelo autor quando se torna aparente a perspectiva de direcionar o brincar para resultados futuros de um mundo produtivo, para um futuro “agir-racional-com-relação-a-fins”. Isso porque o autor em sua teoria filosófica de movimento humano brincar e se-movimentar, aponta que o brincar da criança é fruto da sua experiência no presente e que não possui expectativas ou resultados futuros.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo exploratório que busca, a partir de uma revisão bibliográfica, se habituar, discutir e aprimorar ideias ou/e descobertas de intuições acerca da problemática (GIL, 2002).

Este estudo teórico-filosófico toma como base a teoria filosófica de movimento humano, que tem como base a fenomenologia de Merleau Ponty, de KUNZ (2017), o brincar e se-movimentar. Utilizamos para fundamentar uma concepção de criança e movimento, para posteriormente discutir o brincar na EI enquanto orientador das práticas pedagógicas nesta etapa.

Logo, o presente estudo contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

KUNZ (2017) estende sua teoria de movimento humano “Se-Movimentar” ao mundo de vida das crianças. O “Brincar e Se-Movimentar”, concebido pelo autor e desenvolvido com seus orientandos, foi construído sobre a premissa de que a criança descrita na literatura não condiz a criança como um ser integral, por inteiro, que estabelece um diálogo com o mundo através do seu brincar espontâneo e livre. Ao contrário, muito é visto o movimento das crianças de forma segmentada, em elementos a serem aprimorados em tal período específico da infância.

Essa concepção tem como base na Fenomenologia de Merleau Ponty, enquanto uma visão de corpo que possui sua intencionalidade, fugindo de uma visão maniqueísta de corpo e mente, onde o cérebro manda e o corpo obedece, mas sim, um corpo dotado de intenções, sentidos e significados que se relaciona com o mundo, assim compreendendo-o e percebendo-o através deste (KUNZ; 2017). Portanto a criança não tem um corpo, ela é um corpo.

O brincar e se-movimentar é tratado como “a imprescindível e vital necessidade da criança”, pois entende-se como essência do perceber o mundo pelas crianças, já que este irá ser seu canal de comunicação e significação (KUNZ; COSTA, 2017, p.13). Na obra, o brincar está localizado em outro tempo e espaço, estes que são diferentes do mundo adulto, e por isso acaba por ser oprimido por um tempo cronológico adulto (STAVISKI; KUNZ, 2017, p.39). Embora os adultos depositam uma grande carga de expectativas, a criança é vista como uma artista de um brincar equiparado a uma bela obra de arte, com sua sensibilidade e beleza singular, algo que a racionalidade não teria cacife de mexer e transformar, não de uma forma natural (CUNHA; KUNZ, 2017, p.81).

O brincar espontâneo descrito na teoria se encontra em outro tempo e espaço. O espaço é relacionado ao protagonismo da criança, em que é iniciado pela criança que impõe seus próprios sentidos e significados neste ato, ao contrário de quando pensamos em movimentos repetitivos e isolados de um brincar segmentado definido por nós adultos⁴. É o lugar onde a criança demonstra sua

⁴ O que é muito presenciado nas aulas de EF na EI, onde são utilizadas estafetas e circuitos motores para se aprimorar habilidades de forma isolada. De fato, há de se ver uma melhora, em grande parte, destas habilidades, mas a crítica vai ao encontro de que há uma reprodutividade de valores de desempenho que não devem competir a criança. São atividades que não têm sentido e não estimulam a conhecer o mundo e expandir seu campo existencial, em que passa a imprimir sua intencionalidade no mundo, tornando seu corpo um corpo aprendente e não apenas aprendiz. Aliás,



intencionalidade criativa neste ato racional, a qual muitas vezes é reprimida pelos adultos por entender que não faz parte de um sistema racional (KUNZ; COSTA, 2017, p. 19). O que é verdade, já que o brincar é “uma atividade realizada como plenamente válida em si mesma e consumida em sua própria realização” (STAVISKI; KUNZ, 2017.p.48) e não para atender um conceito de produtividade que nós adultos tanto perseguimos.

Compreendendo o brincar da criança como uma vivência em que o espaço não é materializado, o tempo também não é o mesmo do nosso relógio, mas sim seu tempo vital. STAVISKI; KUNZ (2017) trazem que este tempo vital ou seu próprio tempo de viver, e o modo em como ela se relaciona com seu espaço, está voltado a sua experiência do momento, ou seja, ela não o faz pensando em consequências ou resultados futuros como nós adultos, elas brincam porque esse é seu jeito mais natural de ser. De acordo com Costa (2019), o tempo adulto é relacionado ao Deus *Chronos*, em que seu tempo é contado, quantificado, o qual enquadra e oprime. Por outro lado, o tempo das crianças seria voltado a um tempo existencial, como o Deus *Kairós*, um tempo compreendido em sua significância.

Pelo que podemos ver, as crianças vivem no presente, explorando o mundo através da curiosidade e a experimentação, de corpo inteiro. Portanto, o professor de EF deve respeitar seu tempo e espaço para que possam expandir suas vivências para descobrir, dialogar e produzir sua vida no mundo de seu brincar. Além disso, um brincar livre não significa um processo “largado”, sem intencionalidade pedagógica, mas sim, um processo com base na liberdade, sonho, prazer, autonomia e responsabilidade, sem a pressão de tempo para a produzir, algo maçante e massacrante para seu mundo de vida. Priorizar a liberdade sem interferir em seus processos criativos, escutando e aprendendo com suas falas (KUHN et al., 2021).

O papel do professor em um livre brincar é fundamental, pois ao respeitar os processos, o mesmo deve participar com o objetivo de promover e estimular o protagonismo das crianças, respeitando-as em sua integridade e ampliando seu campo de ações prazerosas, a tomada de decisões, dando robustez à autonomia, o autoconhecimento, a dúvida, a curiosidade, a investigação e a experimentação (CUNHA et al, 2018). Afinal, produzimos nossa vida através de nossas experiências, os adultos possuem outras experiências que podem contribuir aos mundos infantis e vice-versa. Além do mais, atender pedidos de auxílio, promover um ambiente emocionalmente seguro, harmônico, acolhendo-as, respeitando-as, levando a sério sua criatividade, inventividade, às ideias, à imaginação e às fantasias, sem medo de julgamentos ou opressões para que façam outras coisas quando os adultos não as comprehendem; sem temor ou vergonha de vivenciar e experimentar o que desejam descobrir do mundo (KUHN et al., 2021).

4. CONCLUSÕES

Este trabalho representa um recorte de minha dissertação a qual busca investigar o brincar em instituições que abarque a EF na EI. Portanto, um dos maiores objetivos para a apresentação deste breve recorte é a socialização do conhecimento em busca de outras perspectivas para melhor qualificá-lo.

isso também compete a uma concepção de educação bancária (FREIRE, 1996), em que apresenta um espaço apenas para corpos submissos e reprodutores de objetividades em detrimento de suas subjetividades.

Embora o brincar didático ainda impere - nas poucas e insuficientes - aulas de EF na EI, comprehendo a importância de propor um espaço de debate com os professores e professoras e também com as crianças, para que possam ter voz e expor também o que é valoroso, tanto para sua prática pedagógica quanto para o mundo de vida das crianças.

Por fim, podemos identificar que o direito de brincar da criança não pode ser extraído, mas sim tratado com seriedade, pois é através do movimento que a criança mantém seu diálogo com o mundo. Logo, é necessário que seu tempo e espaço sejam respeitados e preservados para que a mesma possa “curiosar”, se-descobrir ao se-experimentar, e livre para brincar e se-movimentar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, A. R. et al. “BRINCAR E SE-MOVIMENTAR” DA CRIANÇA: A IMPRESCINDÍVEL NECESSIDADE HUMANA EM EXTINÇÃO?. **Corpoconsciência**, v. 19, n. 3, p. 45-52, 2016.

CUNHA, A. C.; KUNZ, E. A criança e o brincar como obra de arte: o sentido de um esclarecimento. In: KUNZ, Elenor. (org.). **Brincar e se-movimentar: tempos e espaços de vida da criança**. Ijuí: 2. Ed. Unijuí, 2017. p. 71-82.

GIL, A. C. et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HONORÉ, C. **Devagar**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

KUHN, R. et al. Liberdade para brincar e se-movimentar na educação infantil: um relato de experiência. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo**, v. 3, n. 2, p. e324594-e324594, 2021.

KUHN, R. Da crisálida à borboleta: a liberdade de brincar e se movimentar no mundo da vida da criança. **Corpoconsciência**, p. 94-108, 2016.

KUNZ, E. (org.). **Brincar e se-movimentar: tempos e espaços de vida da criança**. Ijuí: 2. Ed. Unijuí, 2017.

KUNZ, E.; COSTA, A. R. A imprescindível e vital necessidade da criança: “Brincar e Se-Movimentar”. In: KUNZ, Elenor. (org.). **Brincar e se-movimentar: tempos e espaços de vida da criança**. Ijuí: 2. Ed. Unijuí, 2017. p.13-37

SOARES, N. F.; SARMENTO, M. J.; TOMÁS, C. A. Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças. **Nuances: Estudos sobre Educação UNESP** – Presidente Prudente, vol. 12, nº 13: 49-64, 2005

STAVISKI, G.; KUNZ, E. Sem tempo de ser criança: O Se-Movimentar como possibilidade de transgredir uma insensibilidade para o momento presente. In: KUNZ, Elenor. (org.). **Brincar e se-movimentar: tempos e espaços de vida da criança**. Ijuí: 2. Ed. Unijuí, 2017. p. 39-70.